

"A FACE TRÁGICA DA ARTE"

Mario PIRES

O ilustre autor do livro cujo título ensina estas notas, o acadêmico David Antunes, faleceu em novembro de 1969, com 78 anos, em pleno vigor literário. Deixou um romance inédito, a **História de Linda Luz**. Foi um dos grandes romancistas do século, editado por importantes editoras, como Saraiva, Martins, Ariel e outras.

Festejado pelos mais renomados críticos, como o demolidor Agripino Grieco, não teve, porém, o merecido renome entre os meios literários do país. Porque, além de não se interessar pelo sucesso, adotou, em quase toda a sua obra um pseudônimo suigeneris, que muito o prejudicou, como sempre lamentava, em seu jornal literário, "Letras da Província", seu editor e intelectual de Limeira, João de Sousa Ferraz. O pseudônimo: "Iago Joé"!

Ocupante da Cadeira Nº 31, na qual foi recebido pouco depois de fundada a Academia Campinense de Letras, aposentou-se no Banco do Brasil, no alto cargo de Inspetor. Os traços predominantes de David Antunes eram sua irradiante simpatia, grande perspicácia, humanismo, notável senso de humor o toque clássico do verdadeiro "causeur". De alta estatura, imponente nos seus metro e oitenta, rosto de traços perfeitos, másculo, salientando-se a vasta cabeleira alva. Trajava esportivamente, sem vaidade, inimigo da ostentação. Era assim, à vontade, que recebia os amigos e alguns confrades da Academia, nos sábados à tarde, na casa onde residia, com a sobrinha querida. A modo do núcleo carioca do "Octium cum Dignitatis" e do famoso "Sabadoyle", do escritor e bibliófilo Plínio Doyle, nessas sabatinas vespertinas, David nos recebia para a prosa descontraída e o saboroso cafezinho.

Educação de escol, David ouvia atentamente as idéias e opiniões dos circunstantes, ora aprovando-as, ora divergindo, mas sempre atento às opiniões inteligentes e eruditas. Mas, o que mais o incomodava e não perdoava, era a burrice. O círculo era reduzido. Quando "não ia com a cara"

dum visitante, ansioso por conhecê-lo e, geralmente, levar-lhe um livro de sua autoria, para o parecer, recebia-o, como a todos - cortezmente - mas não lhe dava chance de voltar. Ficamos muito feliz e vaidoso por lhe ter sido recebido sempre com simpatia e atenções. Sinal de que - modéstia à parte -, a burrice passou longe deste narrador...

Sua biblioteca era vasta e muitas obras raras; patriota sincero e convicto, David gostava do nosso folclore e o autor predileto e admirado, era-lhe o saudoso Luís da Câmara Cascudo, de quem possuía todas as obras.

Embora auto-didata, tinha grande cultura e cultivava a filosofia e a psicologia. Em 1960, surpreende e irrita os artistas plásticos, com a sua obra **A Face Trágica da Arte**, na qual tenta provar que a Arte nada mais é do que uma válvula de escape para as frustrações de seus prosélitos.

Foi lembrando esse livro e as idéias do autor, que me interessasse pelo estudo do conceituado professor Artur de Almeida Torres, que vim a reler no número 78, da "Revista da Federação das Academias de Letras do Brasil", de 1971 e que, de certo modo, vêm ao encontro das idéias de David Antunes.

"Alguns representantes da nova crítica (New criticism), - inicia o autor -, inspirados nas idéias de Aristóteles, consideram a obra de arte como entidade autônoma, inteiramente desligada de seu autor. Entre os elementos subsidiários da crítica, situa-se, como um dos mais importantes, a técnica psicanalítica de interpretação, porque só ela nos ensina a mergulhar no mundo interior do artista, onde vamos encontrar os fundamentos misteriosos do fenômeno da criação de arte. **O artista se liberta de seus conflitos íntimos graças à sublimação, à transferência ou à compensação, realizadas através de sua obra (catarse).**

No dizer de Tarso da Silveira, **na obra de arte se projeta a personalidade do artista, suas mais secretas volições, seus obscuros e mal percebidos instintos, seus enigmáticos recalques.** As mentalidades arejadas da maioria dos críticos já vão compreendendo melhor e sentindo a importância da contribuição da psicanálise ou da psicologia de profundidade. Fica assim demonstrada, em rápidas pinceladas, a importância da contribuição psicanalítica para a exata compreensão da obra de arte".

Todas essas considerações, batem fidedignamente com as idéias expandidas por David Antunes em seu controvertido, mas inteligente livro.

Espírito perquiridor e desassossegado, David Antunes, depois de muito matutar, concluiu que a "arte era uma válvula de escape para o espírito atormentado de seus executores".

Entusiasmado com a sua tese, depois de muita discussão transcendental com vários amigos e alguns artistas de nomeada, esparrama toda a sua tese no livro que viria escandalizar e irritar nomes famosos, principalmente na pintura, o “A Face Trágica da Arte”.

A 2ª edição do livro tem para nós um significado especial e um valor sentimental imenso, de nosso antecessor na Academia Campinense de Letras. David entregou-nos o volume na primeira visita que fez em nossa casa, com a dedicatória: “Ao Mario Pires, recordação de minha primeira visita - Campinas, 16/9/1962”.

Impresso, como os últimos livros, na gráfica “Letras da Província”, de seu grande amigo e admirador, João de Sousa Ferras, de Limeira, esta é a segunda edição, de 1960. A primeira saiu em 1952, suscitando, de imediato, o interesse do redator da “Folha da Manhã”, Cleret Costa, que começou a cotejar a tese de David, com as opiniões dos psiquiatras Carvalhal Ribas e Aníbal Silveira, psicanalistas Darcy Uchoa e Virginia Leone Bicudo, pintor Flávio de Carvalho, compositor H. J. Koellreuter, crítico de arte, e professor de direito Mota Filho, poeta Oliveira Ribeiro Neto, psicólogo e catedrático de medicina Raul Briquet, ator Ziembinski e escultor Bruno Giorgi, todos, naturalmente, contrários ao autor!

“Muito respeitável é, para mim, a opinião dos meus ilustres opositores. Mas estou certo de que eles me elevarão a nota zero, que me deram, a sessenta pontos, pelo menos quando conhecerem o tema na íntegra.” - afirmou, dias depois, nosso saudoso amigo.

“O mais curioso - prossegue - é que dois citaram Goethe como exemplo de equilíbrio. Mas, santo Cristo! Com o seu “Werther”, Goethe ocasionou uma epidemia de suicídios por toda a Europa e originou várias associações para supressão da vida. Normal esse homem que fazia apologia da loucura? Também nomearam Bach, Mozart, Brahms, como homens normais. Mas teria sido bem vasculhada a vida íntima desses Titãs da música? Em suma, não encontro motivos para reformar meu juízo acerca de artistas. Para ser franco, gostaria que ninguém se colocasse ao meu lado na questão. Mas o caso é que todos, a quem falo de tese, aduzem exemplos, próprios ou alheios que a ilustram lindamente.”

O que Gênio? David afirma: “Elemento intermedial no homem propenso à loucura, a arte é a válvula de escape ou de segurança dos psiquicamente desajustados para que não percam o pé na realidade e não acabem no hospício. Daí decorre o corolário de, que o homem equilibrado não pode ser artista. Charles Mauraix extraiu o argumento de que arte é o

antídoto do suicídio e a única tábua de salvação do homem a ela predestinado. Um exemplo para ilustrar este capítulo será, em nosso minúsculo mundo literário, a figura máxima do romance nacional - Machado de Assis. Mulato, gago e epilético, entre atirar-se de um terceiro andar sobre o seu desespero e ir para a rua anunciar o seu casamento com uma princesa da Abissínia, preferiu ser escritor. E, mercê do mulatismo, da gagueira e da epilepsia, pode o Brasil ufanar-se de possuir um dos mais resistentes pilares da literatura universal, se admitirmos, com Lúcia Miguel Pereira, ser Machado o único escritor, no setor ficção, susceptível e subtrair-se ao critério relativista da crítica no que respeita aos nossos autênticos valores”.

David Antunes, nas 50 páginas de seu livro, cita inúmeros artistas famosos, provando, através de sua vida atribulada, quase todos gênios, serem anormais, do ponto de vista do equilíbrio mental. Para reforçar o que David Antunes deixou em seu livro, lembramos que o escritor Fonseca Pimentel, em seu ensaio “A Presença Alemã na Obra de Machado de Assis”, anos depois, afirma, como o saudoso romancista campineiro: “A “epidemia” de suicídios desencadeados na Europa, pelo romance epistolar de Goethe, o “Werther”, ou “wertherite”, como chegou a ser denominada, simplesmente correu mundo. Machado de Assis dá uns toques por assim dizer goetheanos, no seu romance “A mão e a luva”, quando o personagem da estória comunica que vai se matar”.

Apesar das veementes opiniões de tantas personalidades, como vimos linhas acima, no correr dos anos, outros nomes consagrados esposaram a corajosa tese de David Antunes, cujo livro, que suscitou tanto alvoroço e até indignação, continuará sendo obra de consulta permanente e consagradora. Endereço para correspondência: Rua Bernardo José Sampaio, 286 - CEP 13.020-450 - Campinas.SP.